

*João Calvino e  
George Whitefield*



*D.M. Lloyd-Jones*

**PES**

# Encontre mais e-books evangélicos em nosso site:

[www.bibliotecacrista.com.br](http://www.bibliotecacrista.com.br)

e

[www.ebooksgospel.com.br](http://www.ebooksgospel.com.br)

**Digitalizado e Doador por: Mazinho**

**Por gentileza e por consideração não alterem esta  
página.**

## **Aviso:**

Os e-books disponíveis em nossa página, são distribuídos gratuitamente, não havendo custo algum.

Caso você tenha condições financeiras para comprar, pedimos que abençoe o autor adquirindo a versão impressa.

# I

Antes de tratar do assunto que acaba de ser anunciado, gostaria de ler para vocês alguns versículos do livro de Juizes, capítulo dois, versículos 8, 9 e 10:

*"Faleceu porém Josué, filho de Num, servo do Senhor, da idade de cento e dez anos; e sepultaram-no no termo da sua herdade, em Timnate--Heres, no monte de Efraim, para o norte do monte de Gaás. E foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tão pouco a obra que fizera a Israel".*

O título da minha palestra precisa de alguma explicação porque, como foi anunciado, soa muito pretensioso. Aqueles de nós que têm estado nesta Conferência nos dois últimos dias já ouviram cinco palestras sobre João Calvino e sobre diferentes aspectos da sua obra, de modo que parece, à primeira vista, que eu tenho a pretensão de ser o único que pode, não somente tratar com João Calvino mas também lançar em Whitefield, de quebra! Quero livrar as suas mentes dessa noção errônea.

O segundo conceito errôneo em que vocês podem ter caído também, quero desfazer. Alguns de vocês podem pensar que, dando-me conta de que cinco homens já teriam falado sobre João Calvino, cheguei à conclusão de que eles teriam dito tudo que se poderia dizer, sendo-me deixada pouca coisa, pelo que resolvi falar sobre George Whitefield.

Isso também está inteiramente errado. O assunto sobre João Calvino e sua obra, e a rica herança que

nos legou, é tão grande e tão vasto que eu não teria dificuldade alguma em continuar o tema do 400<sup>o</sup> aniversário da morte de João Calvino. A explicação do motivo pelo qual eu vou falar sobre George Whitefield é muito mais interessante. Tínhamos planejado que toda a Conferência deste ano fosse dedicado à memória de João Calvino, e esta reunião deveria tomar essa forma, como todas as demais. Mas recebi uma carta do Sr. Hilton Day, então pastor da Igreja (Presbiteriana) Memorial de Whitefield, em Gloucester, assinalando como, sendo o 250<sup>o</sup> aniversário de nascimento de George Whitefield, sua igreja achava que se devia fazer alguma coisa para comemorar isto. Por isso me convidou para ir a Gloucester dia 16 de dezembro, quarta-feira, à noite, para falar sobre George Whitefield. Por que eles escolheram 16 de dezembro, que é hoje? Bem, escolheram esta data porque Whitefield nasceu em 16 de dezembro, há duzentos e cinqüenta anos. Respondi dizendo que lamentava muitíssimo, que eu não podia imaginar um privilégio maior do que o de falar sobre George Whitefield, e especialmente em Gloucester, porém, infelizmente eu estava comprometido com esta reunião da presente Conferência. No entanto, eles tiveram a gentileza de mudar a data, e eu tive o grande privilégio de falar sobre George Whitefield na Igreja Memorial de Whitefield, em Gloucester, terça-feira, dia 8 de dezembro.

Mas a coisa não ficou nisso. Tudo isso pôs imediatamente em minha mente a sugestão de que eu devia dedicar a reunião desta noite à comemoração de George Whitefield e seus grandes e gloriosos serviços no século 18, e o Dr. Packer e outros

mostraram-se prontos a concordar com esta idéia. Achemos que seria um grande erro, nós, que tanto reverenciamos a memória de Calvino, deixarmos passar esta noite das noites de 1964 sem dizer algo sobre este grande e poderoso homem, George Whitefield. A dificuldade era descobrir a maneira de colocar isto no programa. O assunto de todos os ensaios deveria ser João Calvino. Introduzir de repente Whitefield parecia estranho às pessoas. Assim, fizemos um acordo, resolvendo anunciar o tema como "João Calvino e George Whitefield".

A ligação não é tão distante como alguns poderiam imaginar. Há muitas e boas razões pelas quais estes dois homens devem ser colocados juntos, apesar de que eram homens muito diferentes, de várias maneiras. João Calvino era um homem extremamente magro, quase cadavérico. Whitefield, ao contrário, era robusto, e de porte majestoso. João Calvino era o que se chama um introvertido típico. Whitefield, eu diria, era, de modo geral, um extrovertido. E há muitas outras diferenças. Todavia há semelhanças que os ligam um ao outro. Não é a casual associação de datas que determina que estes dois homens sejam colocados juntos.

Eis um ponto que eles têm em comum, se se pode empregar tal expressão - ambos eram calvinistas. Deixaremos a coisa assim. O que queremos dizer é que ambos eram paulinistas. Mas tornou-se costume usar o termo calvinista. Qualquer pessoa que conheça algo do século 18 sabe que os metodistas daquele século se dividiram em dois grupos, em dois campos, em torno das pessoas de George Whitefield e João Wesley. Isso mormente em termos desta divergência teológica, pelo menos no início. George

Whitefield era um seguidor do ensino de Calvino. Era um homem verdadeiramente reformado em sua doutrina, ao passo que Wesley era arminiano. Daí ocorreu esta divisão. Ora, evidentemente, isto liga Whitefield a Calvino. Whitefield permaneceu mais leal aos Trinta e nove Artigos da Igreja da Inglaterra do que João Wesley. A ênfase desses Artigos é calvinista, e Whitefield se apegou a isso, enquanto que João Wesley se afastou e, portanto, foi o principal responsável pela divisão. Assim, Calvino e Whitefield tinham isso em comum.

Contudo eles tinham outras coisas em comum. Ouvimos a noite passada o Dr. Packer falar sobre o zelo de João Calvino, e sobre o estupendo volume de trabalho que ele realizou. Foi deveras fenomenal: todos aqueles comentários, as Institutas e todas as cartas e tratados e tudo mais que ele produziu! Como um só homem pôde fazer tudo isso, e em acréscimo pregar com regularidade, é-nos espantoso contemplar. Exatamente a mesma coisa é pertinente dizer-se de Whitefield. Não há homem que tenha trabalhado com maior zelo no reino de Deus do que George Whitefield. Ele e Calvino são muito parecidos nesse aspecto também.

Outra coisa que eles têm em comum é que ambos terminaram a sua carreira terrena por volta da idade de cinqüenta e cinco anos. Isso é notável. João Calvino morreu pouco antes de completar cinqüenta e cinco anos, e Whitefield morreu pouco antes dos cinqüenta e seis. Estes dois homens, que realizaram tão estupenda obra, morreram bem antes dos sessenta anos de idade.

Outra coisa da qual partilhavam em comum - e quero dar ênfase a isto - é que ambos anelavam,

talvez mais que qualquer dos seus contemporâneos, pela unidade entre os evangélicos. Nesta Conferência estudamos este ponto com relação a Calvino. Calvino estava tremendamente interessado em que todos os reformados e evangélicos estivessem juntos em unidade. Ele deplorava as divisões e divergências que tinham surgido e estava disposto a fazer o que pudesse - ele dizia que estava pronto a atravessar dez mares, se necessário, para comparecer a uma Conferência que ajudasse a promover esta unidade entre os evangélicos reformados. Não unidade com Roma, é claro, mas unidade do povo evangélico reformado.

A mesma coisa dava-se com George Whitefield. Ele tinha que resistir, firmado em seus princípios, em sua doutrina, contra os dois irmãos Wesley, porém, ao mesmo tempo, lamentava a divisão, e fez quase tudo que um homem poderia fazer para unir as partes. E, mais para o fim da sua vida, eles chegaram, não obstante, a uma situação em que pregavam dos púlpitos uns dos outros e, a pedido do próprio Whitefield, foi João Wesley que pregou nos seus funerais. Isso é sumamente interessante, estes dois homens, Calvino e Whitefield, terem isto em comum também, este grande interesse pela unidade daqueles que estão unidos na pregação do evangelho de salvação.

Finalmente, eles se parecem no que se refere à tremenda influência que exerceram sobre os seus contemporâneos e sobre as gerações subseqüentes. Agora dou atenção a isso. Alguém poderá perguntar: "Por que você está comemorando o 250<sup>o</sup> aniversário de nascimento de George Whitefield?" Há muitas respostas para essa pergunta. Uma é que, como o

nosso presidente (desta Conferência) assinalou com razão, ele é o mais importante filho da cidade de Gloucester. O bispo John Hooper, do século 16, foi bispo de Gloucester, Robert Raikes era de Gloucester, e Tyndale era oriundo desse condado. Alegrou-me, entretanto, ouvir o Dr. Packer dizer que George Whitefield foi o maior deles todos. Mas nós chamamos a atenção para ele esta noite, não por essa razão, e sim porque, fora de toda questão ele é o maior pregador inglês que já viveu. Observem a minha ênfase! Eu digo, o maior pregador "inglês". Não digo que foi o maior do mundo. Houve um contemporâneo dele, há duzentos anos, que, alegremente observá-lo, até o bispo Ryle, ele próprio um inglês, tem que conceder e admitir que foi igual a Whitefield. Refiro-me a um homem chamado Daniel Rowland, que viveu e exerceu o ministério em Gales naquele mesmo século 18. Todavia, geralmente se concorda que, fora de toda questão, George Whitefield é o maior pregado inglês de todos os tempos. Falemos com precisão. Se se disser isso, e se se colocar Rowland com ele, bem, então eu acho que há bons fundamentos para dizer que estes dois homens foram, provavelmente, os maiores pregadores, desde os dias dos apóstolos. Não é exagero, como Ryle concordaria.

Whitefield não foi somente o maior pregador inglês de todos os tempos; celebramos sua memória por sua profunda influência sobre o curso da história. O Dr Packer disse exatamente a mesma coisa a noite passada de João Calvino. E, naturalmente, é a verdade. É igualmente a verdade quanto a Whitefield. Sua influência na Inglaterra, sua influência em Gales, sua influência na Escócia e, em particular,



sua influência na América excede a possibilidade de cálculo. Se o historiador Lecky está certo ao dizer o que tem sido citado tantas vezes - que, sem dúvida, foi o Despertamento Evangélico que salvou este país de uma revolução como a que a França experimentou em 1789 e nos anos seguintes - se isso é verdade, bem, então George Whitefield, mais que ninguém, é o responsável por esse fato. É também por isso que acreditamos que é certo trazer à memória a lembrança deste grande homem, deste grande pregador.

## II

Há um fato extraordinário acerca deste homem, Whitefield, ao qual devo dirigir a minha atenção por um momento, e esse fato é a espantosa negligência que ele sofreu. Seria muito interessante descobrir qual seria o resultado se eu pedisse a cada um dos que aqui se acham presentes que escrevesse um ensaio sobre George Whitefield. Quanto vocês teriam para dizer? Aventuro-me a asseverar que ele é o homem mais negligenciado de toda a história da Igreja. A ignorância concernente a ele é pavorosa. A gente vê isto constantemente, quando lê e ouve as pessoas. Tornou-se um hábito referir-se ao grande despertamento e avivamento de há duzentos anos como o avivamento "Wesleyano". Este é sempre mencionado em termos do que, particularmente, João Wesley fez - até seu irmão Charles tem sofrido. Parece que o povo tem a idéia de que tudo o que aconteceu no século 18 foi unicamente resultado da atividade de João Wesley.

Encontrei um exemplo disto num novo livro sobre Charles Wesley, de autoria de Frederick C. Gill. Intitula-se *Charles Wesley, o Primeiro Metodista* ("Charles Wesley, the First Methodist"). Nele há um caso típico de como Whitefield é depreciado. Ao tratar da diferença de opinião que surgiu sobre a doutrina da eleição e predestinação e sobre a divisão que se deu, diz o autor, sobre Charles Wesley: "É com tristeza que ele se afastou do seu convertido em seus dias de Oxford". Noutras palavras, Whitefield é mencionado como um convertido de Charles Wesley! Assim, durante todos estes anos Whitefield tem sido esquecido ou depreciado. Alegro-me poder dizer que os melhores e mais distinguidos metodistas estão muito dispostos a reconhecer isto. O falecido Dr. J. Ernest Rattenbury se dispôs a dizer que o metodismo nunca dera o devido lugar à memória de George Whitefield. E o Dr. Skevington Wood, um historiador metodista atual, dispõe-se igualmente a dizer a mesma coisa.

Mas a questão é: por que Whitefield tem sido negligenciado dessa maneira? Muitíssima gente sabe algo de João Wesley - não acho que sabe muito, mesmo dele, porém sabe algo - ao passo que Whitefield é um homem desconhecido, e a grande história concernente a ele é uma coisa que parece que as pessoas nunca ouviram. Por quê? A explicação é deveras importante; eis porque eu li aqueles versículos do capítulo dois do livro de Juizes. Vocês notam o ponto em questão: não só Josué morreu, mas "foi também congregada toda aquela geração a seus pais" - os contemporâneos de Josué. E depois o texto nos diz que "outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tão pouco

a obra que fizera a Israel". Essa é uma declaração sumamente interessante e significativa. Isto sempre me parece que lança grande luz sobre a nossa presente situação. Quando as pessoas não conhecem o Senhor, logo se tornam muito ignorantes da história da Igreja. Uma vez que você perde o conhecimento do Senhor, você perde o interesse pelas Suas obras.

Isso, penso, foi o que aconteceu durante os últimos cem anos. O conhecimento do Senhor sempre leva a um interesse pela história da Igreja, e estimula esse interesse. Acaso posso opinar de passagem esta noite que há algo de errado com um conservadorismo evangélico que não tem interesse pela história da Igreja? Há certamente algo de errado com um conservadorismo evangélico que parece pensar que a história evangélica teve início com a primeira visita de D.L. Moody a este país, por volta de 1873. Há um defeito em algum ponto do nosso conhecimento do Senhor; pois, desde que uma pessoa tenha um verdadeiro conhecimento do Senhor, ela tem um vivo interesse por todas as obras do Senhor, por todos os eventos conhecidos e registrados na longa história da Igreja Cristã. Penso que isso é algo que deveria levar-nos a examinar-nos a nós mesmos com muita seriedade. Estas duas coisas, de acordo com o texto, estão indissolúvelmente interligadas: a perda do conhecimento do Senhor, a perda do conhecimento dos Seus servos e das Suas grandes obras realizadas por meio deles. Examinemo-nos a nós mesmos, com calma, à luz dessa proposição.

Mas há uma segunda razão pela qual o povo é tão ignorante sobre Whitefield, e é por causa da humildade dele. Ele, como Calvino, foi um homem

muito humilde. Ele declarava: "Que o nome de George Whitefield seja esquecido e apagado, na medida em que o nome do Senhor Jesus seja conhecido". De novo, será que posso lançar, especialmente aos membros da Conferência, uma pergunta teológica? Haveria algo na idéia de que aqueles que tendem a seguir o ensino de João Calvino estão menos interessados em publicidade do que aqueles que seguem o ensino arminiano esposado por João Wesley? Simplesmente lhes coloco isso. Peço-lhes apenas que mantenham os olhos nos jornais e periódicos religiosos e vejam se não há algo nessa idéia. O ensino de João Calvino primeiramente humilha o homem; glorifica a Deus. Faz o homem sentir-se insignificante, sentir-se pessoa inútil; e por mais privilegiado que seja, ou mais capacitado para realizações, ele sabe que é Deus que o faz. E nisso que ele está interessado. Será isso verdade, pergunto, com relação à outra ênfase, ao outro ensino? Permanece o fato de que sabemos muito menos sobre George Whitefield do que sobre João Wesley.

Contudo a principal explicação, não tenho dúvida, da negligência de que Whitefield é objeto, é que ele nunca fundou ou estabeleceu uma denominação. Conforme foi chegando ao fim da sua vida, talvez tenha achado que cometera um erro nisso. Consta que ele disse, antes do fim, que João Wesley fora mais sábio que ele, que tinha "encurrulado as suas ovelhas", ao passo que ele não o fizera. O fato, porém, é que ele não se preocupou em fundar ou em deixar uma denominação religiosa. Contentava-se em pregar o evangelho, em fertilizar todo e qualquer corpo religioso. Assim, ele não deixou uma

denominação. Todavia João Wesley deixou uma denominação, e esta com uma perspectiva teológica particular, e grande atenção tem sido dada à sua memória. Livros sobre João Wesley têm sido espalhados sem cessar no correr dos anos; mas, no caso de Whitefield, não houve nenhuma denominação religiosa para propagá-lo. Essa é, penso eu, a principal explicação da razão pela qual ele tem sido tão tristemente negligenciado.

### III

No entanto, por que devemos, então, preocupar-nos em trazer à lembrança de novo este homem, e em pô-lo diante de nós e do público religioso? Minha resposta é: por causa do fenômeno do avivamento religioso do século 18, um dos mais admiráveis episódios da longa história da Igreja Cristã. Estou muito disposto a concordar com os que dizem que, provavelmente, essa foi a maior manifestação do poder do Espírito Santo desde os dias apostólicos. Pode-se elaborar um excelente argumento em prol dessa afirmação. Se vocês quiserem saber o que quero dizer, olhem para algo como o seguinte: considerem o estado deste país antes do Despertamento e Avivamento Evangélico. Era deplorável. Não devo aprofundar-me nisso; não tenho o tempo suficiente. Há um livro que trata disso exaustivamente. Notem o título, *A Inglaterra Antes e Depois de Wesley* ("England Before and After Wesley".) Como é significativo! Naturalmente, foi escrito por um metodista wesleyano - somente Wesley conta. Mas os fatos que o autor cita são verdadeiros. Ele era um bom historiador, nesse

sentido, porém um mau teólogo e carente de entendimento do que realmente aconteceu. Não obstante, ele era um bom colecionador de fatos. Leiam esse livro, escrito por J. Wesley Bready, e verão que em quase todos os aspectos concebíveis este país tinha afundado como nunca. A Igreja da Inglaterra estava morta; vocês sabem da pluralidade de maneiras de viver, vocês sabem das bebedeiras e farras - tudo isso foi descrito muitas e muitas vezes. Mas as outras denominações não eram muito melhores. Podem ter sido um pouco melhores no lado moral, porém a Igreja Presbiteriana daqueles dias tinha caído na heresia do arianismo, e por fim desapareceu totalmente. E as outras comunidades não conformistas achavam-se num estado de letargia, apegadas a uma ortodoxia morta.

Certas pessoas fizeram tentativas para deter essa maré de degeneração. Um homem chamado Boyle estabeleceu um sistema disciplinar, o bispo Butler produziu a sua *Analogia* ("Analogy") em defesa do evangelho, e vários outros escreveram, todavia isso tudo de nada valeu. Então veio este grande avivamento, e toda a face da Inglaterra mudou. A Igreja da Inglaterra, em muitos aspectos, reviveu; os não conformistas reviveram; uma nova corporação veio à existência, com o nome de Sociedades Metodistas, e as repercussões numa área mais ampla foram realmente admiráveis e espantosas. Tem-se alegado muitas vezes, e se pode provar, parece-me, que o movimento sindicalista dos operários deste país surgiu indiretamente daquele avivamento. Foi porque homens, que antes eram ignorantes e levavam vidas de ébrios embrutecidos, foram transformados e nasceram de novo. Eles

começaram a compreender a sua dignidade como homens e a exigir educação e melhores condições de trabalho, e assim por diante. Daí veio o movimento sindicalista dos operários. Sabemos da conexão entre o movimento pró abolição da escravatura dirigido principalmente por William Wilberforce, e esse avivamento. Ele próprio foi um dos resultados desse avivamento, e na verdade alguns argumentam dizendo que jamais teríamos tido a Lei de Reforma de 1832 se não fosse esse grande Despertamento Evangélico.

Este é, então, o ponto que assinalo: essas foram algumas das profundas mudanças produzidas pelo Despertamento Evangélico. Muito bem; em tudo isso George Whitefield foi o líder, foi o primeiro. Aí é onde a negligência de que este homem é objeto, e a correspondente proeminência exagerada de João Wesley é tão escandalosa. Não me entendam mal. Não estou apenas me entregando a uma espécie de controvérsia. Esta é uma questão de pura justiça, de sinceridade e de veracidade. Aí é onde negligenciar Whitefield é tão errado, e tão deplorável; porque em todos os casos que vou apresentar--lhes, George Whitefield foi o primeiro.

Ele foi realmente o primeiro a ser convertido. O autor do livro que acabei de citar refere-se a Whitefield como "convertido de Charles Wesley em Oxford". Estes são os fatos - George Whitefield foi convertido em 1735, ao passo que Charles Wesley não foi convertido antes de 1738. Naturalmente, o que aquele autor quer dizer é que, quando Whitefield foi para Oxford, Charles Wesley e alguns outros já tinham dado início ao Clube Santo, e Whitefield foi convidado para ir às reuniões. Entretanto, isso não

foi a sua conversão, como eu mostrarei. O primeiro deles a ser convertido na Inglaterra foi George Whitefield, em 1735, o mesmo ano em que Howell Harris e Daniel Rowland foram convertidos em Gales. Assim, mesmo ali, o primeiro foi ele.

Mas, depois, ele foi o primeiro deles a começar a pregar o verdadeiro evangelho de maneira despertadora. Whitefield começou a fazer isso em 1736, e um dos seus períodos mais grandiosos foi o ano de 1737; ao passo que todos nós sabemos que os irmãos Wesley só começaram a pregar num sentido realmente evangélico depois do mês de maio de 1738. De modo que Whitefield está à frente deles todos, em toda a linha. Em 1737 ele estava reunindo grandes multidões aqui mesmo, na cidade de Londres, com resultados assombrosos.

A seguir, toda gente sabe que uma das grandes características daquele avivamento foi a pregação ao ar livre. Estes homens pregavam a multidões imensas, a vinte mil pessoas, e freqüentemente a muito mais. Quem foi o primeiro a pregar ao ar livre? A resposta é sempre a mesma - George Whitefield foi o primeiro a pregar ao ar livre, e teve enorme dificuldade em persuadir tanto João como Charles Wesley a fazerem o mesmo. Ambos eram muito mais conservadores que Whitefield. Ele os precedeu vários meses neste aspecto, e exerceu grande pressão sobre eles para persuadi-los a segui-lo. Portanto, vocês vêem, ele é o líder, o pioneiro, o primeiro em todos estes aspectos.

Ele foi o primeiro, também, a organizar sociedades - sociedades religiosas. Ele também foi o primeiro nas obras beneméritas. Existe uma escola metodista muito famosa, chamada Kingswood School, para a



qual muitos ministros metodistas enviam os seus rapazes para receberem educação. Ela foi iniciada como uma escola para crianças pobres, filhos de mineiros e outros. Quem fundou a Kingswood School? George Whitefield. Sempre George Whitefield na vanguarda; ele era o líder. A esta altura, espero ter convencido vocês de que o meu protesto contra esta afrontosa negligência para com este homem é mais que justificado.

Contudo, em acréscimo a tudo isso, foi ele que levou o avivamento religioso de Gales a dar frutos. Ele foi de fato o primeiro moderador do que hoje se conhece como Igreja Presbiteriana de Gales. Costumava ser conhecida como Igreja Metodista Calvinista Galesa. Whitefield foi o primeiro moderador dessa Igreja, em 1743. Devemos ser precisos. Creio que se tornou moderador por esta razão: havia aqueles dois grandes homens e grandes pregadores em Gales - Daniel Rowland e Howell Harris - e o problema era qual dos dois deveria ser o primeiro moderador. Bem, os ingleses têm muitas utilidades e nessa ocasião um deles foi muito útil! Resolveram o problema concordando em que nenhum dos dois galeses seria o primeiro moderador, e puseram o inglês no cargo. Os dois galeses deleitaram-se em saudá-lo como moderador dessa primeira Associação Presbiteriana de Gales.

Ele também teve grande influência na Escócia. Quem quer que já tenha lido sobre aquele período de celebração da Ceia do Senhor em Cambuslang, que hoje faz parte de Glasgow, saberá exatamente o que eu quero dizer. Sua influência na América, também, é algo que realmente frustra as tentativas de descrição. Todos os escritores, incluindo-se os que

no presente estão interessados em reproduzir os escritos e as obras de Jonathan Edwards, são todos bastante cuidados e honestos para dizerem que a influência de Whitefield na América, por volta de 1740, e daí em diante, foi simplesmente irresistível. Houve um segundo "grande despertar", maior até do que o primeiro, que ocorrera em 1735.

Estas são algumas das razões pelas quais estamos chamando a atenção para este homem. Ele visitou a América sete vezes. Alguns de nós acham difícil cruzar o Atlântico atualmente, mas imaginem fazê-lo há duzentos anos! E Whitefield cruzou o Atlântico treze vezes. Morreu lá, em sua sétima visita, de modo que, de fato, cruzou o Atlântico treze vezes. Visitou a Escócia quatorze vezes. Calcula-se que, provavelmente, ele pregou dezoito mil sermões nos trinta e quatro anos de sua vida como pregador.

## IV

Aí está por que, digo eu, é certo celebrarmos a memória deste homem. Este homem foi simplesmente um fenômeno. Não houve homem nenhum que fosse mais bem conhecido em Londres há duzentos anos, do que este homem, George Whitefield. Quais são os fatos a respeito dele? Deixem-me dar um breve sumário, a fim de tentar propiciar uma conceituação do fenômeno conhecido como George Whitefield. Como já lhes fiz lembrar, ele nasceu em Gloucester, na Estalagem do Sino ("The Bell Inn"), em 16 de dezembro de 1714. Muitos dos seus antepassados tinham sido clérigos da Igreja da Inglaterra, porém o seu pai não. Seu pai era o zelador

da Estalagem do Sino, em Gloucester, e ali ele passou a sua meninice. Seu pai morreu quando ele era muito jovem, e Whitefield nos conta em seu diário que ele caiu em muitos pecados, na maioria daqueles pecados nos quais a juventude tende a cair. Mas nunca foi feliz, sempre teve uma consciência sensível. Abandonou a escola por um tempo, porém depois começou a achar que estava errado. Durante o tempo em que deixou a escola, só esteve ocupado em servir bebida, segundo o costume daquele bar de Gloucester. Todavia a sua consciência ainda o perturbava, e ele voltou para a escola, e finalmente pôde conseguir ingresso numa faculdade, em Oxford. Ali, como digo, recebeu a influência daquele Clube Santo que tinha sido formado por Charles Wesley e alguns outros, e que mais tarde recebeu a adesão de João Wesley. Tendo concluído o seu curso em Oxford, foi ordenado pelo bispo Benson, bispo de Gloucester naquele tempo, em 20 de junho de 1736, na idade de vinte e um anos. Pois bem, o bispo Benson tinha feito uma regra segundo a qual não ordenaria ninguém com menos de vinte e três anos de idade, mas tendo ouvido o que ouvira sobre esse moço extraordinário, e tendo se encontrado pessoalmente com ele, resolveu quebrar a sua própria regra, pelo que o ordenou embora ele tivesse apenas vinte e um anos.

Em 27 de junho, uma semana depois da sua ordenação, ele pregou pela primeira vez em Gloucester, na Igreja de Sta. Maria, a Cripta, onde havia sido batizado na infância e tinha participado pela primeira vez da Ceia do Senhor. Naturalmente, este evento causou muito interesse, e talvez algum entusiasmo. Sua mãe era muito conhecida como

zeladora da Estalagem do Sino, e todos os parentes e amigos, e outros, vieram ao culto; o resultado foi que a igreja ficou repleta. Ora, este é o ponto interessante: logo neste primeiro sermão ele mostrou que era um homem à parte, que havia algo incomum acerca dele. O efeito sobre os ouvintes foi tremendo. Foi dito mais tarde, e até foi levado ao conhecimento do bispo, que quinze pessoas tinham ficado loucas por causa daquele sermão. O bispo Benson era um homem sábio, e correu a informação de que o seu comentário foi: "Tudo que desejei e esperei foi que a loucura não fosse esquecida antes do domingo próximo seguinte". Todavia, ele era um homem sábio, e compreendeu que ali estava um pregador deveras incomum. Já o primeiro sermão de Whitefield o marcou como um pregador inteiramente excepcional, na idade de, lembrem-se, vinte e um anos.

Não devo cansá-los com mais detalhes. Ele veio a Londres pela primeira vez em agosto do mesmo ano de 1736. Seu primeiro sermão em Londres foi pregado em Bishopgate. O posto que veio a ocupar consistia em atuar como substituto do capelão da Torre de Londres, porém lhe foram dadas oportunidades de pregar noutros lugares e, de novo, no momento em que começava a pregar ele atraía a atenção, e atraía multidões. O povo jamais ouvira pregação como a dele. Em vez de ler um prosaico tipo de ensaio, que se supunha servir como um sermão, ele era um homem que pregava com todo o seu ser, com autoridade, poder e convicção - e, imediatamente, toda vez que pregava, as igrejas ficavam cheias, atulhadas.

Depois de passar cerca de dois meses aqui em Londres, ele foi substituir um amigo numa paróquia de Hampshire. Deu-se ali exatamente o mesmo. Como resultado disso, foram-lhe oferecidas muitas paróquias e se lhe apresentaram muitas possibilidades e perspectivas de êxito e de progresso na Igreja da Inglaterra. Mas, sob a influência dos seus amigos João e Charles Wesley, que estavam na Geórgia, EUA, procurando fazer alguma obra missionária, sentiu-se chamado para ir à Geórgia e, assim, decidiu definitivamente que era o que devia fazer. Não havia navio disponível imediatamente, e havia vários arranjos para fazer, de modo que ele pôde voltar a Gloucester para despedir-se de sua mãe, dos amigos e dos parentes. Ele pregou lá, e mais uma vez foi notável. Em certo sentido, ficou provado que esse foi um ponto decisivo da sua vida e carreira. Ele tinha alguns parentes em Bristol, cidade vizinha de Gloucester, e queria despedir-se deles antes de partir para a Geórgia. Por isso foi para lá. Toda vez que ele ficava sabendo que haveria algum tipo de preleção ou prédica nalguma igreja num dia de semana, sempre comparecia. Assim, em Bristol ele foi a uma certa igreja e ali estava sentado com a congregação, quando o homem que deveria pregar reconheceu-o, foi até ele e lhe pediu que pregasse em seu lugar. Diz Whitefield: "Sucedeu que eu tinha as anotações de um sermão no bolso, de modo que concordei em pregar". E o fez. Esse foi, num sentido, o começo do real fenômeno de George Whitefield. A congregação ficou toda eletrizada. Ele pregou noutras igrejas, e estas transbordantes também ficaram transbordante de gente. O povo vinha de toda parte, e nas igrejas ocupava todos os cantos - junto aos

candelabros, no sótão, na galeria, em qualquer ponto, para estar no edifício e ouvi-lo. Pois bem, isso é assombroso. Ele pregou em Bristol pela primeira vez em janeiro de 1737. Houve atrasos, e ele ainda não pôde ir para a Geórgia, e assim pôde fazer mais uma visita a Bristol, em maio de 1737, chegando ali no dia 23. Eis aqui uma coisa que ajudará vocês a perceberem que fenômeno era este homem. Lembrem-se, ele era apenas um jovem de vinte e dois anos de idade, mas é isto o que ele diz sobre a sua segunda visita a Bristol: "Multidões vinham a pé ao meu encontro, e muitos vinham em carruagens a uma milha de distância, e quase todos me saudavam e me abençoavam quando eu andava pela rua". Vocês podem imaginar isso? Um jovem de vinte e dois anos! Gente caminhando uma milha, viajando em carruagens para encontrar-se com ele. Era uma espécie de "desfile real", e tudo resultante da sua admirável e espantosa pregação. E continuou assim - de volta a Gloucester, em seguida a Oxford e depois a Londres. Consta que entre agosto e o Natal de 1737 ele pregou cem vezes, e cada vez a auditórios repletos. Ele se tomou um dos homens mais famosos de toda a cidade de Londres, e de todo o país. Havia naquele tempo uma revista muito popular chamada *Revista do Cavalheiro* ("The Gentleman's Magazine"), e para alguém ter o nome nela era um feito e tanto. Pois bem, em novembro de 1737 houve um poema sobre George Whitefield na *Revista do Cavalheiro*, e ele ainda tinha somente vinte e dois anos de idade. Nove sermões dele foram publicados em 1737, e todos tiveram realmente grande venda.

Então, afinal, ele pôde ir para a América, e lá passou a maior parte de 1738. Agora, lembrem-se,

este ano de 1738 é o ano em que os dois irmãos Wesley foram convertidos, durante o mês de maio. Todavia Whitefield voltou à Inglaterra no fim de 1738, por vários motivos. Ora, isto nos leva ao grande ano de 1739. Voltando aos seus velhos recantos - Gloucester, Bristol, etc. - começou a ouvir sobre a terrível condição dos mineiros que viviam naquela vila de Kingswood, situada nos limites de Bristol. Eles levavam vida muito depravada. Whitefield preocupou-se com eles. Aqueles homens nunca tinham chegado perto de um lugar de culto, pelo que ele achou que devia ir a eles, e foi um dia e pregou a apenas uns cem deles. Mas, de novo, o efeito foi tão tremendo que daí em diante ele começou a pregar a pelo menos cinco mil deles por vez. Estes homens saíam da mina, não tinham tempo de lavar-se; ficavam de pé, ouvindo; e ali ele lhes pregava. Conta-se que logo ele estava pregando a vinte mil pessoas, todas a ouvi-lo de pé, ao ar livre. E depois disso, como eu disse a vocês, ele influenciou os irmãos Wesley a fazerem a mesma coisa.

Entretanto, quando Whitefield voltou da América, viu que se operara uma grande mudança aqui em Londres, na atitude dos clérigos e dos pastores para com ele. Quando partira, estava na crista da onda da popularidade, mas quando voltou viu que muitas portas estavam fechadas para ele. Por quê?

Bem, houve muitas razões para isso. Alguns dos seus convertidos haviam sido um tanto imprudentes, tinham agido de um modo impróprio do evangelho, e tinham tornado hostis os seus próprios clérigos e pastores. Além disso, alguns membros do clero realmente nunca tinham gostado da sua pregação sobre a necessidade absoluta do novo nascimento.

Acima de tudo, partes do Diário que ele tinha começado a produzir tinham sido publicadas, e eles achavam que isso era exibicionismo, e que ele estava dizendo coisas que não devia dizer. Estas coisas, sem dúvida, além de muita inveja, fizeram que muitas igrejas se fechassem para ele. Assim, ele foi impelido mais ainda ao ar livre. Negaram-lhe permissão para pregar na Igreja de Santa Maria, em Islington; justo quando ele estava para entrar no púlpito, foi detido. Aí ele resolveu então encerrar tranqüilamente aquele culto. Depois levou o povo para fora e lhe pregou no pátio da igreja. Tudo isso agravou a situação e os ataques que lhe moviam se tornaram realmente incríveis. Foram feitos ataques ao seu caráter moral, ofendendo até a sua aparência pessoal. Whitefield tinham a infelicidade de ter um olho vesgo, e assim era conhecido pelo povo, pela multidão popular de Londres, como o "Doutor Olho Torto" ("Doctor Squintum"). Isso, porém, não fazia a menor diferença. O ponto era que ele era este bem conhecido pregador, e foi como a sua vida continuou. Ele iria pregar em Moorfields Common, iria pregar em Marylebone Fields - logo ao norte da atual Rua Marylebone. Iria pregar no que então se chamava Feira de Maio, "May Fair", que agora chamamos "Mayfair". Ele costumava pregar em Kennington Common. Costumava pregar em Blackheath. De fato, em qualquer lugar onde houvesse um grande espaço aberto, Whitefield só tinha que se levantar e pregar, e milhares se reuniam para ouvi-lo. A média de seus ouvintes estava nalgum ponto próximo dos vinte mil por vez e, lembrem-se, todos eles tinham que ficar de pé. Não obstante, eles o faziam com a maior boa vontade.



Ele simplesmente continuou fazendo isso pelo resto da sua vida. Fez isso em toda a Inglaterra, fez isso em Gales, como já lhes falei, fez isso na Escócia, fez isso na América. Assim, este fenômeno continuou. Quando se ouvia que ele estava nas imediações e logo ia pregar, lojistas fechavam imediatamente as suas lojas, pois tinham que ouvi-lo; homens de negócio esqueciam os seus negócios, lavradores largavam os seus instrumentos de trabalho. Ele podia conseguir um auditório de milhares a qualquer hora do dia ou da noite; ele podia consegui-los e mantê-los na neve, na geadas, no gelo e na chuva - não importava quais eram as condições. Na América, num inverno muito frio, eles costumavam ficar de pé aos milhares ouvindo este homem pregar o evangelho, e os ouvintes percorriam distâncias intermináveis para terem esta grande oportunidade e privilégio.

Posso resumir o restante da sua vida dizendo-lhes apenas isto - desde aquele início ao ar livre daquela maneira em 1739, ele simplesmente continuou fazendo isso em todos estes países até que, por fim, às primeiras horas da manhã do dia 30 de setembro de 1770, expirou seu último alento e partiu para estar com aquele Senhor que anelara ver desde os seus primeiros dias como jovem pregador. Seu fim é muito característico da sua personalidade. Ele não estava bem de saúde. O admirável é que ele viveu o tempo que viveu. Pois este homem costumava pregar cinco ou seis vezes por dia. Isso era coisa comum para ele, e assim ele punha o seu corpo sob uma tensão tremenda. Lá estava ele; tinha prometido pregar num lugar chamado Newbury Port, na Nova Inglaterra, domingo, 30 de setembro de 1770, e

estava viajando naquela direção. Ele teve que passar por um lugar chamado Exeter, e quando ouviram que ele estava lá, vieram todos em multidão. Ele tinha que pregar-lhes, e afinal o persuadiram a fazê-lo. A princípio ele mal podia falar. Estava em condição física tão fraca, que não conseguia articular as palavras. Ele começou devagar, e aos poucos começou a reviver. Acabou pregando para eles por duas horas. Esse era George Whitefield. Ele se encheu de poder e de forças, e os ouvintes, como de costume, ficaram profundamente impressionados. Depois chegaram ao lugar onde devia ficar aquele sábado à noite, em Newbury Port e, por fim, disse que ia dormir. Deram-lhe um castiçal com uma vela, mas o lugar estava cheio de gente. Para onde fosse, as pessoas se aglomeravam em torno dele, fazendo perguntas, querendo ter uma palavra dele. Este último quadro dele é maravilhoso, idílico. Ele tentou afastar-se delas, e começou a subir a escada, com a vela acesa na mão. Depois se voltou e lhes falou de novo, fazendo-lhes outra exortação. Continuou com a prática até que a vela se queimou da ponta ao bocal, e ele só ficou com o castiçal na mão. Finalmente ele foi para o quarto e para a cama. Teve um forte ataque do que hoje denominamos asma cardíaca, e morreu. Simplesmente foi, como digo, estar com o Senhor a quem ele tanto amava. Quando vocês lerem os seus maravilhosos diários, prestem atenção no modo como ele ansiava estar com o Senhor. Não era um simples falar; era isso que ele queria dizer; ele foi repreendido algumas vezes por dizer isso, porém era o seu maior desejo, e afinal isso lhe foi concedido. Bem, aí está o fenômeno abarcado pelo nome de George Whitefield, e aí está por que é bom lembrar-nos disso tudo.

Ali estava um homem capaz de pregar daquela maneira a todas as classes. Havia muitos que o seguiam, dentre os membros da aristocracia daqui de Londres. A condessa de Huntington achava que não havia nenhum homem como ele, como pregador, e costumava abrir as salas da sua grande casa e convidar todos os principais elementos da aristocracia da época para ouvi-lo; e eles se deliciavam ouvindo Whitefield. Ele era o maior desses pregadores que pregavam para a aristocracia, todavia como lhes fiz lembrar, ele era também o maior pregador para os mineiros, o maior pregador para as multidões de Moorfields, Kennington Common e de onde mais acontecia ele estar. Ele podia pregar igualmente bem às crianças do orfanato. Que homem estupendo e admirável ele era!

Ele também era supremo na questão de coletar dinheiro. Ele fundou um orfanato na Geórgia, e o custo para mantê-lo era muito grande. Assim, ele se acostumou a pregar um sermão e, depois, levantar uma coleta. Costumava conseguir enormes coletas de dinheiro, e com esse dinheiro também costumava ajudar quem quer que estivesse em necessidade, qualquer pessoa pobre, todo aquele que estivesse em dificuldade. Toda a Inglaterra falava dele. Sempre se sabia quando ele estava em Londres, e ele atraía gente de todas as classes ou de todas as camadas da sociedade.

## V

Qual a explicação desse fenômeno? É-nos muito difícil concebê-lo, não é? Estamos vivendo dias muito pobres. Que século foi o século 18! Eis aí o

fenômeno; qual a explicação? Permitam-me tentar uma espécie de análise.

Começemos com o homem propriamente dito. O homem natural era muito interessante. Quando menino, é descrito como esperto, hábil e muito cativante. Mas o que havia de mais notável quanto a ele era o seu dom de oratória. Ele mostrou isso quando era menino. Costumava imitar os pregadores na estalagem. Era um ator nato, e tinha elocução maravilhosa. O homem nasce orador. Não se pode fazer oradores. Ou você é orador, ou não é. E esse homem era um orador nato. Ele não podia evitar isso. Ele sempre era bom na declamação de trechos de dramas Shakespearianos. Na escola sempre lhe davam um papel, ou se era feito um discurso às pessoas notáveis da cidade de Gloucester, ele era o rapaz escolhido por sua admirável elocução e pela facilidade e graça com que fazia tudo. Era um orador nato, e como todos os oradores, era caracterizado pela grande liberdade e propriedade dos seus gestos. O pedante João Wesley não era orador, e às vezes tendia a criticar George Whitefield neste aspecto. Lembro-me de haver lido no *Diário* de Wesley sobre como sucedeu que, uma vez, ambos estiveram em Dublin ao mesmo tempo, e como João Wesley foi ouvir Whitefield. Em seu relato do culto, Wesley se refere aos gestos do pregador, dizendo que lhe pareceu que Whitefield se assemelhava a um francês lutando boxe. O que ele quis dizer é que Whitefield tendia a falar tanto com as mãos como com os lábios e a boca. Entretanto isso é oratória. Um dos maiores oradores de todos os tempos foi Demóstenes. Um dia alguém perguntou a Demóstenes: "Qual é a primeira grande regra da

oratória?" E Demóstenes respondeu: "A primeira grande regra da oratória é - movimento; a segunda grande regra da oratória é - movimento; e a terceira grande regra da oratória é - movimento". O orador não move somente os lábios e a língua; todo o seu corpo está envolvido. "Movimento!" "Vivemos maus dias; nada sabemos de oratória. George Whitefield era um orador nato. Vocês ouviram o que se conta que David Garrick disse? David Garrick era o principal ator naquele tempo, e toda vez que tinha oportunidade, sempre ia ouvir Whitefield. Ele não estava muito interessado no evangelho; estava mais interessado na elocução, nos gestos e assim por diante. Conta-se que Garrick disse que daria cem guinéus, se pudesse dizer "Oh!" como George Whitefield dizia. E outra pessoa disse que se sentiria completamente feliz, se pudesse pronunciar a palavra "Mesopotâmia" como Whitefield a pronunciava.

Tenho uma autoridade maior ainda para citar. Um dos maiores homens de meados do século dezoito foi Bolingbroke. Era um homem hábil, culto, um homem do mundo, homem muito sábio e, outra vez, alguém que estava interessado na oratória e na elocução. Bolingbroke disse de Whitefield, a quem ouvira muitas vezes, que ele tinha maior "eloquência imponente do que qualquer homem que já ouvira". Ele tinha ouvido todos os maiores oradores políticos e estadistas e outros tipos de orador também. Ele colocou Whitefield no topo da lista, qualificando a sua oratória como a maior "eloquência imponente" que já ouvira. Em acréscimo a isso tudo, Whitefield tinha uma natureza calorosa e compassivamente expansiva. Aí está o homem natural.

Contudo, isso não explica o fenômeno que era George Whitefield. Pensemos agora no espiritual. Aí está a explicação. Será que posso expressar isto de maneira crua e quase ridícula? Deus sabe o que faz, e quando Ele escolheu este homem, George Whitefield, a quem deu esses dons naturais, sabia o que estava fazendo. George Whitefield passou por uma extraordinária conversão. Foi um processo longo e penoso. Houve muitos passos. Como já lhes fiz lembrar, a consciência dele o perturbava na meninice, na juventude, e quando foi para Oxford não participou das várias festas para as quais era convidado; ele era muito sério. Depois ele freqüentou as reuniões do Clube Santo, e ficou mais sério ainda. Os membros desse Clube praticavam boas obras, tinham dias de jejum, visitavam as prisões... Mas nada disso o ajudou de fato. Depois ele leu um livro, um famoso livro escrito por um escocês chamado Henry Scougal, que vivera nos fins do século dezessete. O título do livro era, *A Vida de Deus na Alma do Homem* ("The Life of God in the Soul of Man"). Teve profundo efeito sobre ele. Convenceu-o de que ele precisava nascer de novo, de que ser cristão não é ter uma boa vida, fazer isto ou aquilo, e sim ter na alma a vida de Deus. Ele compreendeu que não a possuía; e isto o levou às profundezas do desespero. Ficou em agonia. Costumava ficar prostrado no solo, em oração, costumava sair para orar ao ar livre; não havia nada que ele não fizesse. Ele passou por esse terrível processo de convicção de pecado; então, finalmente, Deus por Sua graça sorriu para ele.

Noutras palavras, a conversão de George Whitefield não foi uma questão de "tomar uma

decisão". Não foi repentina. Não. Ele passou por essa tremenda agonia de convicção, e então irrompeu a luz para ele. Em acréscimo a isso, foi-lhe dado o que ele chamava de "o selo do Espírito". É isso que explica o caráter extraordinário da sua pregação desde o começo.

No entanto, vamos lembrar-nos disto: embora seja esse o começo, ele continuou a vida inteira a ser caracterizado por uma piedade sumamente admirável. A vida de oração desse homem faz que todos nós fiquemos envergonhados, e muitas vezes me fez sentir que não sei absolutamente nada destas questões. Já me referi à humildade e santidade de Whitefield. Nada mostra isso mais claramente que o modo como ele ficava apavorada com a idéia de pregar. Apesar de haver sido treinado para o ministério, e de já ter chegado o tempo de sua ordenação, pregar o amedrontava. Ele considerava essa tarefa muito sagrada; e quem era ele para entrar num púlpito e pregar? Por ele, fugiria para mil milhas de distância, para não pregar. Tal era sua maneira de ver isso tudo, e tal era o seu conceito de si próprio e da sua indignidade pessoal, que dava muito trabalho persuadir George Whitefield a entrar num púlpito e pregar.

Irmãos, não haveria uma lição aí para alguns de nós? Ele detestava também notícias pela imprensa, e sempre ficava aborrecido quando as recebia. Noutras palavras, ele era um homem extraordinariamente humilde e piedoso. João Wesley lhe paga o tributo de dizer que achava que só conhecera um homem que se igualava a Whitefield em santidade - e, concebivelmente, achava que este homem era um pouco maior, não tinha certeza - e esse homem

era John Fletcher, de Madeley. Mas, João Wesley dizer isso no fim da vida de Whitefield, e em vista de tudo que acontecera entre eles, é um tremendo tributo à santidade e piedade de Whitefield.

Já dei ênfase ao seu zelo. Quero também dar ênfase ao seu espírito fraternal e ao elemento de universalidade que o caracterizava. Lembrei a vocês, no início, que ele, como Calvino, tinha muito interesse pela verdadeira unidade evangélica. Nada havia de pequeno quanto a esse homem; nada havia de estreito quanto a ele. Ele tinha opiniões fortes. Estava disposto a divergir dos seus grandes amigos João e Charles Wesley sobre questões doutrinárias, e a resistir a eles. Todavia isso não fez dele uma pessoa rígida e estreita; não fez dele um homem de um pequeno partido. Não! Posso provar isso. Na Escócia, por exemplo, os dois irmãos Erskine, Ralph e Ebenezer, que tinham saído por ocasião da primeira Secessão - e com muito bons fundamentos para isso - tentaram persuadir Whitefield a pregar somente para eles, na Escócia. Contudo ele não quis. Disse ele, se há homens na Igreja da Escócia que crêem no evangelho e que estão dispostos a abrir as portas para a minha pregação do evangelho, eu o farei. Ele não queria ficar amarrado aos Erskine. E ele pregou para os ministros da Igreja da Escócia, como lhes fiz lembrar, em Glasgow, em Cambuslang, em Edimburgo, e em vários outros lugares. Pois bem, tudo isso era resultado do Espírito de Deus nele - o amor e o espírito de fraternidade, a grandeza de coração, o desejo de que todos os que têm realmente um evangelho bíblico para pregar sejam um e trabalhem juntos.



## VI

Aí está o homem, pois. Permitam-me dizer apenas uma palavra sobre a sua mensagem, Ele mesmo a descreve como "sincera"; ele a descreve como "franca". Ele sempre foi direto. Ele pregava sobre o quê? Um dos seus grandes temas era *O Pecado Original*. Ninguém podia expor a condição do coração natural, não regenerado, mais poderosamente do que George Whitefield.

A seguir, outro grande tema era *A Regeneração*. Ele próprio afirma que o seu sermão sobre "a natureza e a necessidade do novo nascimento em Cristo" deu início ao despertamento em Londres, Bristol, Gloucester e Gloucestershire. Ele mesmo estava convencido de que foi o seu famoso sermão sobre esse tema que realmente ocasionou o Grande Despertamento. Esse era o seu tema principal.

Outro tema proeminente em sua pregação era este: ele cria nas impressões internas, diretas, imediatas feitas pelo Espírito Santo no homem. Pois bem, Jonathan Edwards censurou-o a respeito disso. Há uma história muito interessante nas *Memórias* de Jonathan Edwards sobre como uma vez Edwards e outros falaram com Whitefield a respeito disso. Diz Edwards: "Tentei falar com ele sobre esta questão da ênfase que ele dá às impressões internas". Whitefield dava grande ênfase à direção direta do Espírito. Ele cria que o Espírito lhe falava diretamente, e ele agia baseado nisso. Edwards era um homem mais capaz e um gênio muito maior, num sentido intelectual. Edwards sentia-se infeliz com isso; e é sumamente interessante, e quase divertido, notar como Edwards registra que estava bem claro que Whitefield realmente não dava ouvidos ao que ele, Edwards,

dizia. Todavia, isso era uma coisa que Whitefield pregava e salientava muito.

Depois, o seguinte grande tema era, naturalmente, *A Justificação pela Fé*. Alguns talvez perguntem por que coloquei a regeneração antes da justificação pela fé. Fiz isso por esta razão -Whitefield pregava a regeneração antes de pregar a justificação pela fé. É muito interessante observar que ele passou por uma mudança neste aspecto. A princípio, sua pregação era quase inteiramente sobre a corrupção do coração natural, não regenerado, e a necessidade do novo nascimento. Sem dúvida, isto era um efeito do ensino de Scougal. Nos seus nove sermões publicados em 1737 não há menção da justificação pela fé. Em seus *Diários* -(vocês poderão ver isso na página 81 da última edição dos seus *Diários*) - referindo-se ao tema da justificação pela fé, ele afirma significativamente: "embora isso não estivesse tão claro para mim como posteriormente". Ele próprio admitiu que lhe faltava claro entendimento da justificação pela fé em 1737, como devia ter. Se vocês lerem as páginas 193-4 em seus *Diários*, verão que os dois homens que o corrigiram nesse aspecto da verdade foram João e Charles Wesley. Eles pregaram a justificação pela fé desde o princípio; Whitefield não. E eles o ajudaram a chegar a um melhor equilíbrio nesse aspecto. Devemos ser honestos. Eu disse que Whitefield não era homem de partido; e eu não devo ser homem de partido. Toda honra a João e Charles Wesley por auxiliarem Whitefield a ver a importância e o lugar da justificação na mensagem do pregador.

Já lembrei a vocês a ênfase calvinista da pregação de Whitefield. Ele era claro e inequívoco sobre isso.

Outra coisa que caracterizava a sua pregação, especialmente no princípio, era a crítica que fazia aos pregadores não convertidos. Jonathan Edwards aventurou-se a censurá-lo acerca disso também; mas Whitefield não lhe deu ouvidos. Whitefield costumava denunciar um ministério exercido por ministro não regenerado e o fazia quando numerosos ministros o ouviam. Outra maneira pela qual ele colocava isso era dizer que, para ele, um homem pregar o que ele chamava um "Cristo não sentido" era algo terrível - pregar sobre Cristo sem sentir o Cristo no íntimo. Ele costumava denunciar sem medida homens culpados disso.

## VII

Tenho dito algo sobre o homem, tenho dito algo sobre a mensagem, e concluo com o que era a coisa mais característica quanto a esse homem, a saber, sua pregação. Vocês admitem essa distinção e divisão? Faço essa pergunta por esta razão: não há nada que me desanime tantas vezes, se posso fazer uma referência pessoal como pregador, como a incapacidade das pessoas de diferenciarem entre a mensagem e a pregação. Há uma tremenda diferença entre proferir verdades e pregar. Um pregador pode ter uma mensagem correta e ortodoxa, mas não se segue que a esteja pregando. Uma coisa que põe Whitefield numa classe à parte, com relação a Rowland, é a pregação.

A que me refiro? Refiro-me ao modo como a mensagem é apresentada e transmitida. Havia outros homens naquele tempo, como tem havido desde então, que pregavam a mesma mensagem, porém não era a pregação de George Whitefield. Como se pode descrever a *sua* pregação? Só é possível descrevê-la como apostólica e seráfica. Gosto da observação feita por um pregador que o ouvira bastante e que foi responsável pela publicação de alguns dos seus sermões. Comentando o seu estilo de pregar, disse ele: "Uma nobre negligência percorria o seu estilo". Que é que ele quer dizer? Quer dizer que Whitefield não se sentava para escrever maravilhosas obras-primas literárias de sermões, com cada sentença perfeitamente balanceada, e sempre bem acabada, polida, e assim por diante. Não. Ele não fazia isso. Ele não tinha tempo para escrever sermões. Era um pregador extemporâneo, e havia o que o referido autor chama "uma nobre negligência" em sua pregação. Quebrava regras gramaticais aqui e ali, nem sempre se lembrava de completar as suas sentenças, mas, para os que sabem algo sobre pregação, isso não é nada. "Nobre negligência!" Ah, que tivéssemos um pouco mais disso, e um pouco menos dos ensaios polidos que passam por sermões nesta nossa época degenerada! O que caracterizava, porém, a sua pregação era o zelo, o fogo, a paixão, a chama. Ele era um pregador sobremodo convincente e alarmante. Vocês se lembram do que foi dito acerca do seu primeiro sermão em Gloucester. O efeito que ele continuou produzindo era semelhante àquele. Ele podia expor as trevas e a pecaminosidade do coração humano natural de modo que os homens ficavam aterrorizados, assustados e em agonia de alma

quando o ouviam. Não obstante, isso era acompanhado por uma ternura, um amor e uma capacidade de derreter coração que eram irresistíveis.

Isso é pregar! Gosto do comentário que o próprio Whitefield fez sobre esta questão de pregar. Um dia lhe pediram uma cópia do sermão que ele tinha pregado, para publicá-lo, e esta foi a sua resposta: "Não faço objeção", disse ele, "se vocês imprimirem com ele o relâmpago, o trovão e o arco-íris". Não se pode pôr a pregação na imprensa fria; é impossível. Pode-se pôr o conteúdo do sermão, não porém a pregação; não se pode por o "relâmpago", não se pode pôr o "trovão" - o ribombar do trovão, o brilho do relâmpago - não se pode capturar o "arco-íris". Tudo isso está na palavra, no movimento e em tudo que diz respeito ao pregador. Não se pode por isso na imprensa. É por isso que quando as pessoas lêem os sermões de Whitefield, muitas vezes dizem: "Não posso entender isto. Como é que um homem que produziu sermões como este pode ter sido tal fenômeno, tão maravilhoso pregador?" Se vocês disseram isso alguma vez, estão revelando a sua ignorância do que significa pregar. Não se pode pôr a pregação no papel. Eu defendo a idéia de que esse tem sido um dos nossos grandes problemas desde meados do século passado, ou até antes. A impressão de sermões, a impressão de tudo que é falado, pode ter um efeito devastador sobre a pregação como tal. Os homens têm os olhos postos nas pessoas que a vão ler, mais do que naquelas para as quais vão pregar na ocasião. É pena, mas entra aí a preocupação com a reputação e com o que dirão os

críticos literários pedantes. Lembremo-nos das palavras de Whitefield sobre essa questão.

O efeito da sua pregação era, como é natural, simplesmente irresistível. Ele nos conta o que observara no passado nos pobres mineiros de Kingswood. Esses homens tinham acabado de sair das minas e tinham os rostos negros de pó de carvão quando se postaram para ouvir Whitefield. Diz ele: "Quando eu lhes estava pregando, de repente comecei a observar sulcos brancos em seus rostos enegrecidos". Que será que era? Ah, lágrimas corriam pelas suas faces, fazendo sulcos na sujidade do pó de carvão. Isso é pregação! Esses pobres homens, que nada sabiam de doutrina, que de nada sabiam, exceto do pecado, que viviam só nas bebedeiras, e mesmo na devassidão, ao ouvirem essa estupenda pregação da Palavra de Deus, choraram, derramando copiosas lágrimas. Ou vejam como isso é descrito pelo autor do grande hino que começa com as palavras:

*Grandioso Deus, que operas maravilhas,  
todos os Teus caminhos incomparáveis são,  
sublimes e divinais.*

O próprio Samuel Davies também era um admirável pregador e um grande intelecto. Ele estivera num avivamento na América, naquele mesmo século. Fizeram-no diretor de um colégio. Samuel Davies e Gilbert Tennent foram enviados à Inglaterra para angariar dinheiro para aquele colégio. Chegaram depois de uma viagem terrível, durante a qual pensavam que iam naufragar, vezes sem conta. Chegaram a Londres num sábado de manhã, e a primeira pergunta que fizeram foi - "O Sr. Whitefield

está na cidade?" Para satisfação deles, foi-lhes dito que estava, e que deveria pregar na manhã seguinte, creio que em Moorfields. Assim combinaram que estariam ali em boa hora para ouvi-lo. Samuel Davies escreve o relato do culto, e eis o que ele diz: "Logo ficou claro para mim no culto, que o Sr. Whitefield devia ter tido uma semana excepcionalmente ocupada: era óbvio que ele não tivera tempo para preparar bem o seu sermão". Ele acrescenta: "Do ponto de vista da construção e da ordem do pensamento, era muito deficiente e defeituoso; era um sermão muito pobre. Mas," disse Samuel Davies, "a unção que o assistiu foi tal, que eu me arriscaria muitas vezes aos rigores de um naufrágio no Atlântico para estar ali e ficar sob a sua benigna influência". Isso é pregação, meus amigos. Pobre sermão, mas tremenda pregação!

Que sabemos disso? Por que falamos da pregação como "fazer um discurso" ou "dizer uma palavra"? Pregação! Foi isso que produziu aquele tremendo avivamento, sob Deus. Vocês podem ler os relatos do que Jonathan Edwards e a senhora Edwards sentiam face à pregação de Whitefield. Deixem-me contar-lhes o que disse o grande Lorde Chesterfield. Chesterfield era um humanista, um típico homem do século 18, "homem de cidade", que escreveu um famoso livro de conselhos a seu filho. Ele costumava deliciar-se em ouvir Whitefield e, como outros, ficava dominado pelo poder da pregação. Vocês recordam a famosa história: uma tarde, Whitefield estava usando uma ilustração para mostrar o grande perigo da situação do pecador, a caminhar em direção ao inferno sem perceber isso, e apresentou esta figura: comparou o pecador com um

homem cego conduzido por um cão. Ele tinha uma bengala na mão, e ia sendo conduzido pelo cão. Infelizmente o cão soltou-se e fugiu, e deixou o homem, que foi andando às apalpadelas com a sua bengala, fazendo o melhor que podia. Inconscientemente, disse Whitefield, o homem perambulou rumo à beira de um precipício, e sua bengala caiu no abismo, tão fundo que nem sequer se ouviu o eco. O cego foi avançando cautelosamente, pare recuperá-la; por um momento ele se equilibrou com um pé no vácuo e... Naquele momento o Lorde Chesterfield se pôs de pé, gritando: "Bom Deus! Detém-no!", e saltou para a frente para tentar impedir a queda do cego no abismo. Isso não é somente oratória, é pregação também; e pode afetar até um homem como o Lorde Chesterfield dessa maneira extraordinária.

A história de que gosto mais no entanto, é a de Benjamin Franklin ouvindo Whitefield. Pois bem, ali estava outro gênio. Benjamin Franklin é famoso como cientista, famoso como homem de letras, como um dos líderes da Revolução Americana, como o primeiro embaixador enviado pelos Estados Unidos, como veio a acontecer, para representá-los na França. Ele vinha freqüentemente a Londres. Esse homem capaz e culto dizia-se quacre; ele não era coisa nenhuma, do ponto de vista cristão. Ora, Benjamin Franklin vivia em Filadélfia, e quando das visitas de Whitefield, ele era tipógrafo. Era um astuto homem de negócio, e se acostumou a imprimir e vender sermões de Whitefield. Ele nunca perdia uma oportunidade de ouvir Whitefield e, em referência a uma dessas ocasiões, eis o que ele diz: já recordei a vocês que, invariavelmente, no fim de um sermão,



Whitefield levantava uma coleta para o seu orfanato na Geórgia, e Franklin sabia disso muito bem. Tinha visto isso muitas vezes, e com freqüência punha algum dinheiro na coleta; mas estava ficando cansado de fazer isso. Achava que Whitefield estava tomando muito dinheiro dele. Assim, ele nos conta que nessa ocasião particular em que foi ouvi-lo, tinha resolvido solenemente que não daria nada na coleta do fim do culto. Diz ele: "Eu tinha no bolso ouro, prata e cobre; mas decidi que não daria nada, já tinha dado muitas vezes". Todavia o que ele diz a seguir é isto: "Conforme o pregador prosseguia, eu fui amole-cendo e acabei dando o cobre. Outro rasgo da sua oratória levou-me à decisão de dar a prata. E ele concluiu tão admiravelmente que eu esvaziei totalmente o bolso no prato da coleta - ouro e tudo". Ora, isso é pregação! Está além da oratória, é oratória inspirada - oratória inspirada pelo Espírito Santo, transmitindo a mensagem da Palavra de Deus e o seu glorioso evangelho.

## VIII

Será que posso indicar, com alguns títulos, o que considero algumas das lições que George Whitefield tem para ensinar-nos hoje? Gostaria de ter tempo para desenvolvê-las. A primeira lição que ele nos ensina é esta: nunca a situação é de desespero - nunca! As coisas não poderiam ser piores do que eram no período anterior a 1736-37 - absolutamente desesperador, ao que parecia. Foi justamente naquele ponto que Deus pôs a mão nesse

rapaz da Estalagem do Sino, em Gloucester  
- George Whitefield. A soberania de Deus! Não desperdicemos tempo com lamentações sobre o futuro da Igreja. Não demos muita atenção aos meros analistas do presente, que simplesmente descrevem a situação que nos confronta. Nunca é desesperadora. Isso é uma das coisas mais surpreendentes que Deus já realizou.

Em segundo lugar, vamos, espero, dar fim uma vez por todas à mentira que afirma que o calvinismo e o interesse pela evangelização não são compatíveis. (Não gosto desses rótulos, mas como são utilizados, preciso utilizá-los.) Eis aí o maior evangelista que a Inglaterra produziu, e era calvinista. Charles Haddon Spurgeon, o maior evangelista do século passado, confessa que se modelara - na medida em que se modelara baseado em alguém - baseado em George Whitefield. E ele era calvinista. A objeção que alguns de nós fazem a certos aspectos da evangelização moderna não tem nada a ver com o calvinismo. Estou certo de que João Wesley faria objeção às coisas que objetamos nos métodos evangelísticos modernos, tanto como nós. A objeção não é sobre o calvinismo. Essa doutrina, que dá ênfase à glória de Deus e à depravação total do homem e ao plano e propósito divino e eterno de redenção no Senhor Jesus Cristo, sempre concitou e levou os seus verdadeiros adeptos à evangelização. Só Whitefield já basta para estabelecer isso; contudo, ele é tão-somente um brilhante e saliente astro de uma grande galáxia.

A terceira lição é a necessidade absoluta de uma fé ortodoxa. Este homem pregava o evangelho como o mesmo fora pregado pelos apóstolos, pelos

reformadores, pelos puritanos. Ele viveu os puritanos e seus escritos. As vezes até pregava sermões deles, quando muito pressionado! Wesley disse mais de uma vez que vira Whitefield claramente pregando Matthew Henry. Mas aí está! Era a mesma mensagem, e lá estava, pronta em Matthew Henry! Mas o que eu estou acentuado é a absoluta necessidade de ortodoxia, de fé na verdade - a verdade da qual tão excelentemente o discurso do Dr. Packer nos fez lembrar.

Contudo - e, para mim, Whitefield fala mais disto do que de qualquer outra coisa - ortodoxia não basta. Havia homens ortodoxos no tempo dele, mas eram relativamente inúteis. Pode-se ter uma ortodoxia morta. A ortodoxia é essencial, entretanto a ortodoxia sozinha nunca produziu um aviva-mento, e nunca produzirá. Digo, ao concluir, que a minha principal justificativa para falar sobre Calvino e Whitefield é que, num sentido, João Calvino sempre tem necessidade de George Whitefield. Eis o que quero dizer: o perigo dos que seguem os ensinamentos de Calvino, e o fazem acertadamente, é que eles tendem a tornar-se intelectualistas, ou tendem a afundar no que eu descreveria como uma "ortodoxia ossificada". E isso não tem valor nenhum, meus amigos. É necessário o poder do Espírito sobre ela. Expor a verdade não é suficiente, tem que ser exposta "em demonstração do Espírito e de poder". E é isso que esse poderoso homem ilustra de maneira tão gloriosa. Ele era ortodoxo, mas o que produziu o fenômeno foi o poder do Espírito nele. Diz ele que, já em sua ordenação, sentia algo, como se tivesse recebido uma comissão do próprio Espírito. Ele sempre estava cênscio disso - onda após onda do Espírito vinham sobre ele. Nunca

homem algum conheceu mais do amor de Cristo do que esse homem. Às vezes o amor de Cristo o dominava, quase o esmagava fisicamente. Banhava-se em lágrimas por causa disso.

Este poder do Espírito é essencial. Devemos ser ortodoxos, porém não nos permita Deus descansar, nem mesmo na ortodoxia. Devemos buscar o poder do Espírito, que foi dado a George Whitefield. Isso nos dará uma compaixão pelas almas e um interesse pelas almas, e nos dará zelo, e nos habilitará a pregar com poder e convicção a todas as classes e espécies de homens.

Outra coisa - e esta é muito importante hoje - ele dava grande crédito ao valor das sociedades religiosas. Existiam várias sociedades religiosas nos primeiros dias de Whitefield, as quais tinham começado no século anterior, e ele foi grandemente ajudado por elas. Seu primeiro sermão naquele domingo, 27 de junho de 1736, em Gloucester, foi de fato sobre "o valor de uma sociedade religiosa". Digo isso para animar os pequenos grupos de evangélicos, por quem dou graças a Deus e que eu conheço em diferentes partes deste país hoje, que se reúnem, alguns todas as semanas, alguns uma vez por mês, para estudar as Escrituras e orar juntos, e para conversar sobre as coisas de Deus. Whitefield acreditava no inestimável valor das sociedades religiosas.

Contudo, principalmente, devo concluir isto à luz do que estive dizendo e por todas as demais razões. Whitefield, creio eu, está nos chamando de volta à pregação. Espero não ser mal entendido, mas nada pode substituir a pregação. Sou um grande crente na leitura; muito do meu maior prazer eu o desfruto na

leitura. Todavia a leitura não é um substituto da pregação; e ler um sermão e ouvi-lo pregado não são a mesma coisa. Graças a Deus, o Espírito pode usar um sermão escrito, porém não se compara com um sermão pregado. Há um real perigo hoje de que as pessoas pensem que a leitura, apenas, já basta, ou ouvir um sermão pelo rádio ou pela televisão. Não. Precisamos da liberdade do Espírito; precisamos do "relâmpago, do trovão e do arco-íris". Não poderemos consegui-los nos livros, e não poderemos consegui-los em nossos programas controlados e cronometrados que essas agências modernas oferecem. Não. Quando vier o Espírito, os programas serão esquecidos, o tempo será esquecido, tudo será esquecido, exceto Deus em Sua glória, e minha alma, e este bendito Salvador.

Que é que Whitefield nos ensina acerca do tema da pregação? O tema era: "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus". Essa era a gloriosa mensagem da pregação do século 18.

Queira Deus chamar-nos de volta para a pregação! Não meramente uma exposição mecânica de crenças corretas, mas oremos a Deus rogando-Lhe que nos conceda o Seu Espírito, para que, embora talvez nunca nos tornemos, e que nunca nos tornaremos é certo, pregadores no sentido em que George Whitefield foi - bem, que de qualquer forma sejamos capazes de pregar "em demonstração do Espírito e de poder". Não se espera que sejamos imitadores, porém ouçamos esse homem quando ele nos convoca para uma viva percepção desta verdade, e para sermos cheios do Espírito do Deus vivo para que, com tudo que somos, anunciemos as riquezas e as glórias da

Sua graça. Estou certo de que todos nós damos graças a Deus pela memória de tal homem. Conceda-nos Deus graça para nos examinarmos a nós mesmos, para examinarmos o nosso ministério, e queira Ele criar dentro de nós um anseio e um desejo de ver a manifestação da Sua destra de novo neste país, num poderoso aviva-mento da religião!